



11ª edição

Ivan Jaf

Manual de sobrevivência familiar

Ilustrações: Filipe Rocha



 **Atual**
Editora

Série Entre Linhas

Gerente editorial • Rogério Gastaldo

Assistentes editoriais • Jacqueline F. de Barros / Andreia Pereira

Revisão de texto • Pedro Cunha Júnior (coord.) / Juliana Batista /
Cid Ferreira / Elza Gasparotto / Talita Pousada

Gerente de arte • Nair de Medeiros Barbosa

Coordenação de arte • José Maria de Oliveira

Diagramação • Francisco Augusto da Costa Filho

Projeto gráfico de capa e miolo • Homem de Melo & Troia Design

Produção gráfica • Rogério Strelciuc

Impressão e acabamento •

Suplemento de leitura e Projeto de trabalho interdisciplinar • Maria Sylvia Corrêa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Jaf, Ivan

Manual de sobrevivência familiar / Ivan Jaf;
ilustrações Filipe Rocha. — 11. ed. — São Paulo:
Atual, 2007. — (Entre Linhas : Adolescência)

Inclui roteiro de leitura.

ISBN 978-85-357-0780-9

1. Literatura infantojuvenil I. Rocha, Filipe.
II. Título. III. Série.

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5

2. Literatura juvenil 028.5

14ª tiragem, 2019

Copyright © Ivan Jaf, 1997.

SARAIVA Educação S.A.

Avenida das Nações Unidas, 7221 – Pinheiros

CEP 05425-902 – São Paulo – SP – Tel.: (0xx11) 4003-3061

www.coletivoleitor.com.br

atendimento@aticascipione.com.br

Todos os direitos reservados.

CL: 810455

CAE: 576026

A existência não é apenas absurda,
é simplesmente trabalho pesado.

Charles Bukowski

Sumário



Uns por cima dos outros 9

Criando o mundo 16

Levando pancada e enchendo a cara 21

Sonhos e tios malucos 26

A maldição do Natal 32

Primeiras fugas e primeiras mortes 39

As moscas e a vida após a morte 45

Primeiro perigo: os padres 51

Construindo um outro eu 60



Investigando o passado 69

Segundo perigo: os médicos 76

Terceiro perigo: o amor dos pais 84

Quarto perigo: os esportes 97

Defendendo o pinto e vencendo a timidez 109

Últimos toques 117

O autor 123

Entrevista 125

Uns por cima dos outros



Meu avô inventou um método muito criativo pra construir um edifício inteiro sem tirar licença nem pagar impostos. Comprava aqueles sobrados antigos, com pés-direitos de cinco metros de altura, e começava a demoli-los por dentro, deixando a fachada.

Com as portas e as janelas sempre fechadas, da rua ninguém desconfiava de nada. Os operários entravam e saíam vestidos normalmente, como visitas, durante meses. O material de construção chegava aos sábados, quando os fiscais da Prefeitura não trabalhavam.

Num belo domingo, meu avô levava vinho e sardinhas pra assar na brasa, e os operários, doidões desde cedo, numa grande festa, botavam abaixo a fachada antiga, ensacavam o entulho, colocavam tudo num caminhão, varriam a rua e pronto. Na segunda-feira, o fiscal passava e, onde durante cem anos existira um sobrado, lá estava um edifício de três pavimentos.

Claro que ele tocava a campainha, e meu avô atendia como se nada tivesse acontecido. Dizia que não havia nada diferente, que morava ali havia muitos anos e que ele devia estar enganado. O

homem ficava furioso. Meu avô o convidava a entrar, bebiam vinho, até que a certa altura vinha o velho papo:

– O gajo tem razão. Como estás a ver, esta construção é nova. No começo era para ser só uma reforma, mas sabes como é obra: um puxadinho aqui, outro ali... e minha senhora sempre a exigir. Sabes como são as mulheres, ó pá... Mas não bebes mais? Este eu trouxe lá do Minho! O caso é que, quando vi, catano, tinha feito outra casa.

Meu avô deixava pra demolir a fachada antiga num domingo próximo do Natal, quando todos ficam mais sentimentais e precisam de dinheiro, de forma que o final da conversa era sempre o mesmo:

– Tens família, como eu. Sabes que trarei todos os meus filhos e netos para morar aqui junto a mim? Por isso precisei aumentar a casa. Será minha alegria na velhice. Já neste Natal todos estarão aqui, ó pá.

O fiscal saía de lá com um cheque no bolso, uma caixa de bacalhau debaixo do braço, e estava encerrado o assunto.

Com o tempo, o meu avô foi ficando conhecido de todos os fiscais. Alguns se tornaram amigos da família e até inquilinos.

Um dia apareceu um fiscal novo. Ouviu toda a conversa, aceitou o dinheiro e o bacalhau, mas antes de sair disse:

– Tudo certo. Não vou embargar a obra, mesmo porque ela já está feita. Mas não gosto de ser enganado. O senhor tem um mês para realmente se mudar para cá. E com todos os filhos e netos. Passar bem.

Aquele fiscal mudou o rumo da minha vida.



Já deu pra notar que esse avô era português. Era o pai da minha mãe. O pai do meu pai morava em outra cidade, outro Estado, e só o vi uma vez, quando eu tinha 7 anos.

Meu pai me levou lá pra ele conhecer o neto, mas o homem tinha tido dezoito filhos e já estava de saco cheio de criança. Era uma figura impressionante, com uma cabeleira branca enorme, muito alto. Fiquei horas esperando que acabasse a sesta, enfiado na minha melhor roupa. Saiu do quarto resmungando, passou por mim, parou um

segundo, me olhou de alto a baixo, balançou a cabeça, me deu um cascudo, que doeu pra caramba, e foi pra casa da amante.

Com 82 anos ainda pulava a janela da casa da amante. Podia entrar pela porta. A cidade era pequena. Todos sabiam. Mas ele fazia questão.



Às vezes fico triste, deprimido mesmo, mas acho que é porque faço o balanço da minha vida do ponto de vista errado. Talvez seja muito rigoroso. A verdade é que não controlo quase nada do que me atinge.

Cheguei a pensar que metade das coisas acontece de fora pra dentro e a outra metade, de dentro pra fora. Metade crio, metade me sujeito. Mas já não tenho muita certeza disso. Atualmente ando meio perdido, como um cachorro que caiu do caminhão de mudança.

Talvez tudo não passe de um jogo, cujo objetivo é descobrir as regras.

Meu projeto de vida atual: ir pouco a pouco.



Inclusive, tenho até um lema... mas nunca consigo me lembrar dele.



Talvez o tal fiscal tenha pisado num cocô de cachorro antes de encontrar meu avô, daí o motivo do mau humor e da exigência implícita. Um cocô de cachorro pode ter mudado a vida de nove pessoas. Vai saber...

Meus avós foram os primeiros a se mudar. Ocuparam o apartamento térreo. Não queriam subir escadas.

Eu tinha 2 anos. Minha irmã, 6. Meu pai não queria ir, mas minha mãe insistiu. O fiscal prometera investigar todas as outras construções irregulares do pai dela. Fomos pro primeiro andar.

Pouco depois, chegaram meus tios e minha prima, de 4 anos. Ficaram no segundo.

Pronto! A família estava unida, uns por cima dos outros, debatendo-se dentro do próprio destino. Tudo bem.

O problema era que, pra construção não ficar aparecendo por cima da fachada do sobrado original, meu avô fazia uns edifícios muito baixos. Precisavam caber ali os três pavimentos. Aliás, o lucro estava nisso, no tal pavimento extra.

Ele olhava aqueles pés-direitos de cinco metros e dizia:

– Ó pá, o que esse povo do passado tinha era mania de grandeza ou não sabia quanto custa o dinheiro. Se ainda pudessem andar pelas paredes...

Os apartamentos dele ficavam com menos de três metros de altura.

Morei lá até os 14 anos. Acredito que pra um adulto aquilo devia ser meio opressivo com o teto sempre ali, mas pra mim não foi mau. Aliás, o teto era um assunto que pouco me incomodava. Se não cortava as unhas do pé porque achava que ficavam longe, imagine o teto.

Outra vantagem é que fui o primeiro cara da minha turma a alcançar o teto de casa pulando.



O cocô de cachorro e o fiscal de obras da Prefeitura fizeram um grande bem ao meu avô. A psicóloga que me atendeu quando eu estava na fase de chorar todos os dias, das sete às dez da manhã, diria que o truque do meu avô, os três pavimentos, a conversa mole pra cima dos fiscais e o Natal, tudo isso era a maneira que o velho encontrara pra satisfazer seu desejo inconsciente de juntar os filhos e os netos. Vai saber...

Uma vez perguntei a ela:

– Então me diga, o que é família, afinal?

– São estruturas de pessoas que vivem juntas por um certo período de tempo e se encontram ligadas por laços de matrimônio ou de parentesco.

Então tá.



Minha sorte é que, naqueles primeiros tempos, vivia apenas no presente. Passado e futuro eram coisas que aconteciam dois ou no máximo três dias antes ou depois, e mesmo assim não por mais de

um minuto. O mundo era emocionante. Tudo tinha cheiro, gosto, brilho. Acho que é porque os meus órgãos sensoriais estavam novos. Com o tempo vão se desgastando, como tudo. Ontem mesmo entrei no carro, estalando de novo, do pai de um amigo meu. Os cheiros, os bancos ainda cobertos com plástico, o brilho dos metais. Daqui a uns meses, pronto, vai estar como todos os outros. Quando me deixaram sozinho lá dentro soltei um pum bem fedido, pro carro ir se acostumando com os fatos da vida.

Então lá estava eu, tentando reconhecer o mundo pelo que podia tocar, cheirar, provar. E aqueles três pavimentos eram o mundo.

A primeira imagem de que me lembro, eu devia ter uns 3 ou 4 anos, é a de uma moeda brilhando num degrau da escada. Quando me abaixei pra pegá-la, meu calção rasgou.

Muitas vezes me pergunto por que as recordações começam naquela moeda. Até hoje posso sentir a intensidade do brilho dela. Minha mais recente teoria a respeito é a de que existe uma outra realidade, paralela a esta, que eu chamo de “o outro lado”. Do “outro lado” está o molde de todas as coisas que existem do lado de cá.

Por exemplo, por aqui existem milhões de cadeiras, todos os dias são feitas milhões de canetas, mas do “outro lado” estão *a* caneta, *a* cadeira. No “outro lado” os objetos são eternos, não existe o tempo, por isso tudo dura infinitamente.

Já do lado de cá é o contrário, tudo é transitório, as coisas se quebram, somem, escangalham, e a culpa não é nossa, é do tempo, que não para de passar e obriga as coisas a acontecerem. Preciso explicar essa teoria pra minha mãe.

Às vezes um dos objetos do “outro lado” passa para o lado de cá e se mostra pra mim. Foi o que aconteceu com aquela moeda, e com várias outras coisas durante esses meus já longos 17 anos. Cada vez que isso acontece sinto um negócio esquisito, que não dá pra explicar com palavras. O certo é que tudo brilha muito, e fica fora do tempo.

Chamo isso de “momentos de eternidade”, mas vou parar por aqui porque esse papo já está enchendo o saco.

●

O apartamento térreo era o menor de todos, comprido, com a sala dando pra rua. Da calçada se via tudo lá dentro. Era comum minha avó assustar-se com a cabeça de algum bêbado na janela, acompanhando a novela. Um longo corredor levava ao quarto, à cozinha, ao banheiro e, lá no fundo, à adega.

Do lado direito do prédio, havia uma porta que dava diretamente na escada. Por ela se chegava aos outros dois andares, que eram maiores, com três quartos cada um.

Nós então nos acomodamos no primeiro andar e, de saída, meu pai fez uma coisa bem interessante. Como ele tinha muitos livros, porque era advogado, pegou o melhor quarto pra biblioteca. Ele e minha mãe ficaram num outro e do terceiro fizeram dois, com divisórias de madeira, pra mim e pra minha irmã.

Achei interessante saber que se podia dar prioridade aos livros.

Talvez por isso esteja sentado aqui, escrevendo um, enquanto todos lá fora se divertem na festa de Ano-Novo.

Bem, é verdade que arranquei um dente há dois dias e o desgraçado do dentista esqueceu de dar os pontos, deixou o buracão aberto e o infeliz não pára de sangrar.

Outra coisa interessante que meu pai fez: proibiu a entrada de menores de 8 anos na biblioteca.

Nunca ouvi falar de método melhor pra despertar na juventude o interesse por livros.

●

Ele tinha razão. Aos 10 anos entrei lá, peguei um livro velho e fiz um buraco entre as páginas para esconder meu *walkman* e ficar ouvindo música durante as aulas. O tal livro velho era um exemplar da primeira edição de um romance francês muito famoso e valia uma nota preta.

Mas não apanhei por causa disso. Os meus pais nunca me bateram. Pelo contrário, minha mãe era conhecida na rua por impedir que os outros pais batessem nos filhos. Sério. Uma vez escutou, através da parede da sala, a vizinha do lado espancando a filha por não ter passado de ano e foi lá. Entrou no meio, levou e